COLLOQUIUM
REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 10, NÚMERO 1, CRATO – CE, SETEMBRO DE 2025.1 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 02/03/2025 ACEITO EM: 25/05/2025 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

PENTECOSTALISMO E O PAPEL DA RELIGIÃO NA RECONFIGURAÇÃO SOCIAL: PERSPECTIVAS DURKHEIMIANAS E HISTÓRICAS

Pentecostalism and the role of religion in social reconfiguration: Durkheimian and historical perspectives

Samuel de Camargo[1]

Lattes: http://lattes.cnpq.br/9078347121874863

DOI: https://doi.org/10.58882/cllq.v10i1.208

RESUMO: O pentecostalismo, surgido no século XX com o avivamento da Rua Azusa, tornou-se uma das principais expressões cristãs contemporâneas. No âmbito da sociologia da religião, o fenômeno religioso é tanto uma prática espiritual quanto um fenômeno social que fortalece a coesão comunitária e a identidade coletiva. Seus rituais e símbolos promovem integração e continuidade. Além da esfera religiosa, também exerce forte influência na política, na economia e na cultura, moldando o contexto social. A pesquisa, de base bibliográfica, analisa sua relação com a coesão social e as mudanças estruturais, considerando influências do metodismo wesleyano e movimentos de santidade, destacando seu papel como agente de transformação na sociedade moderna.

Palavras-chave: Identidade coletiva; religião; Émile Durkheim.

ABSTRACT: Pentecostalism, which emerged in the 20th century with the Azusa Street Revival, has become one of the main contemporary Christian expressions. In the field of the sociology of religion, the religious phenomenon is both a spiritual practice and a social phenomenon that strengthens community cohesion and collective identity. Its rituals and symbols promote integration and continuity. Beyond the religious sphere, it also exerts a strong influence on politics, the economy, and culture, shaping the social context. This bibliographic-based research analyzes its relationship with social cohesion and structural changes, considering influences from Wesleyan Methodism and Holiness movements, highlighting its role as an agent of transformation in modern society.

Keywords: Collective identity; Religion; Émile Durkheim.

1. Professor. Mestrando no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Bacharel em Teologia Livre pela Faculdade Teológica e Apologética Cristã Dr. Walter Martins (2014); em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2016), em História pelo Centro Universitário Cidade Verde (2023), em Filosofia pelo Centro Universitário Cidade Verde (2024). Especialista em: Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdades Batista do Paraná (2019); Teologia pela Faculdade Iguaçu (2024); em Filosofia, Sociologia e História pela Faculdade Iguaçu (2025); em Docência em Filosofia e Sociologia pela Faculdade Iguaçu (2025).

1 INTRODUÇÃO

O pentecostalismo é um movimento religioso que surgiu no início do século XX, na Rua Azusa, nos Estados Unidos. Esse movimento recebeu fluência de ricas tradições espirituais formadas por diversos movimentos anteriores, entre os quais se destacam: os Quakers, fundada por George Fox; os puritanos, com destaque para John Owen e Richard Baxter; os pietistas, representados por Philipp Jakob Spener e August Hermann Francke; os morávios, liderados por Nikolaus Ludwig von Zinzendorf; os wesleyanos, com ênfase na pregação e espiritualidade de John Wesley e Charles Wesley; e as tradições de fronteira dos Estados Unidos, marcadas por pregadores itinerantes como Charles Finney e os cultos campais do chamado Segundo Grande Despertar.

Ao se consolidar, o Movimento Pentecostal, até então denominado de Movimento de Fé Apostólica fundado por Charles Fox Parham, pregador controverso entre os estudiosos, espalhou-se por diversas partes do mundo, tornando-se uma das expressões mais significativas da religião cristã contemporânea. A partir da teoria da religião de Émile Durkheim proposta na obra As formas elementares da vida religiosa é possível compreender o pentecostalismo não apenas como uma prática espiritual, mas também como um fenômeno social com grande impacto na coesão social e na construção de identidade coletiva. A partir de Durkheim, percebe-se que a religião é uma força que promove a solidariedade e a integração social e, no contexto pentecostal, seus rituais, símbolos e práticas coletivas desempenham um papel central na manutenção dessa coesão.

Contudo, o impacto do pentecostalismo vai além da esfera religiosa, gerando transformações sociais significativas em diversos contextos. A crescente participação social dos pentecostais, especialmente em políticas públicas e movimentos de inclusão social, evidencia a relevância do movimento nas dinâmicas sociais

contemporâneas. Diante disso, surge a questão: como o pentecostalismo tem contribuído para mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas ao longo de sua trajetória? E como a estrutura religiosa e a organização social dessa vertente têm influenciado as transformações que ocorrem nos países onde está presente?

A hipótese que guia este estudo é que o pentecostalismo, por meio da criação de uma identidade de pertencimento entre seus fiéis, possibilitou uma série de transformações sociais desde o seu surgimento. A construção dessa identidade coletiva, marcada pela vivência dos rituais e pelo senso de comunidade, tem promovido mudanças significativas não só no campo religioso, mas também nas estruturas sociais, políticas e econômicas das sociedades onde o movimento se instalou. As práticas pentecostais têm sido fundamentais para a ascensão social de muitos de seus adeptos, bem como para a inclusão de grupos marginalizados e o surgimento de novas formas de expressão cultural.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar o pentecostalismo enquanto fenômeno religioso e social, considerando suas dimensões teóricas, históricas e culturais. Parte-se da compreensão de que o pentecostalismo não se restringe ao campo da experiência espiritual individual, mas se manifesta como um movimento coletivo com implicações significativas na estruturação da vida social. Nesse sentido, a pesquisa buscará compreender como seus rituais, símbolos e práticas comunitárias promovem essa coesão à luz da teoria da religião de Émile Durkheim.

Para alcançar esse objetivo, o estudo se propõe a realizar os seguintes objetivos específicos: analisar o pentecostalismo à luz da teoria da religião de Émile Durkheim, demonstrando como seus rituais, símbolos e práticas coletivas promovem a coesão social e reforçam a distinção entre sagrado e profano, consolidando a identidade e a continuidade do movimento em análise. Além disso, será estudado como as influências dos movimentos de santidade e do metodismo

wesleyano, como precursores do pentecostalismo, moldaram a organização social e os rituais da Igreja pentecostal, contribuindo para a formação de uma comunidade religiosa coesa e socialmente engajada durante o avivamento pentecostal de Los Angeles. Por fim, será avaliada a contribuição do pentecostalismo para a transformação das estruturas sociais, com destaque para sua participação política, a inclusão social de grupos marginalizados, a ascensão econômica de seus membros e as mudanças nas práticas culturais e nas normas sociais, desde o movimento de Azusa até os dias atuais.

A metodologia de pesquisa adotada neste estudo é de natureza básica, com o objetivo de compreender os fenômenos sociais e religiosos relacionados ao pentecostalismo a partir de uma abordagem teórica. A coleta de dados será essencialmente bibliográfica, baseada em uma revisão teórica das obras que abordam a teoria da religião de Émile Durkheim, o impacto do pentecostalismo nas transformações sociais, culturais e políticas, bem como dos movimentos que influenciaram seu surgimento, como o metodismo wesleyano e os movimentos de santidade. A pesquisa bibliográfica visa, assim, reunir e analisar fontes acadêmicas, artigos, livros e outros documentos relevantes que permitam construir um panorama amplo e profundo sobre as dimensões religiosa e social do pentecostalismo.

Esta revisão teórica tem como foco a análise das interações entre os rituais, a coesão social e a identidade coletiva dentro das comunidades pentecostais, considerando as implicações do movimento na ascensão econômica e na inclusão social de seus adeptos. Além disso, a pesquisa buscará explorar como a estrutura organizacional e os princípios originados do movimento em discussão, influenciados pelos preceitos de movimentos anteriores, contribuíram para a consolidação do pentecostalismo para suas transformações nas esferas políticas e culturais

2 A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO E A TEORIA DA RELIGIÃO DE ÉMILE DURKHEIM

O pentecostalismo, um dos movimentos religiosos de crescimento mais acelerado no mundo contemporâneo, tem suas raízes no protestantismo norte-americano do início do século XX. Seu marco inaugural é o célebre Avivamento da Rua Azusa, ocorrido em Los Angeles, Califórnia, entre 1906 e 1915, sob a liderança do pregador afro-americano William J. Seymour, "filho de ex-escravo havia sido aluno da Escola Bíblica Betel, sob a liderança de C. Parha, onde começou o movimento de 'línguas estranhas' em 1901" (Alencar, 2000, p. 29). Este evento, caracterizado por intensas manifestações espirituais como o falar em línguas, curas e profecias, deu origem ao pentecostalismo moderno e influenciou profundamente sua teologia e prática litúrgica.

No Brasil, o pentecostalismo[2] encontrou terreno fértil para sua difusão. A partir da chegada dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, em 1910, foi fundada a Assembleia de Deus, em 1911, no estado do Pará, consolidando uma das maiores denominações pentecostais do país (Epos, 2008). Simultaneamente, a Congregação Cristã no Brasil foi estabelecida por imigrantes italianos liderados por Luigi Francescon, ampliando o alcance do movimento entre os brasileiros. Ambas as iniciativas contribuíram para a construção de uma expressão religiosa vibrante, marcada por forte apelo emocional, liturgia espontânea e ênfase na atualidade dos dons espirituais, como a glossolalia, as curas e as profecias. (Epos, 2008).

2. Nesta pesquisa, o pentecostalismo é abordado de forma generalista, isto é, sem recorrer à classificação por ondas ou fases históricas comumente adotadas nos estudos contemporâneos. Adota-se uma perspectiva ampla, que considera o movimento em sua totalidade como um fenômeno religioso marcado pela centralidade da experiência com o Espírito Santo, pela valorização dos dons espirituais e pela ênfase em práticas litúrgicas intensas e comunitárias. Tal abordagem busca compreender o pentecostalismo em sua essência teológica, social e cultural, destacando seus elementos comuns e recorrentes, independentemente de sua cronologia ou segmentações internas.

Para além de seu impacto religioso, o pentecostalismo pode ser compreendido sociologicamente a partir da teoria da religião de Émile Durkheim, especialmente conforme delineada em sua obra *As formas elementares da vida religiosa* (2008). Nela o pensador define a religião como um sistema de crenças e práticas relacionadas ao sagrado, que une os indivíduos em uma comunidade moral, denominada Igreja. A principal característica da religião, segundo o autor, é a separação entre o sagrado e o profano, sendo essa dicotomia essencial para a coesão social.

> Do ponto de vista religioso, o segmento pentecostal auto-compreende-se como o grupo dos eleitos de Deus, no qual a salvação é não apenas prometida, mas vivenciada sensivelmente nos rituais; onde os textos bíblicos não são referências escritas do passado, mas narrativas imitadas em todos os momentos. Ser um crente é pertencer a um grupo distinto das demais confissões religiosas, por isso mesmo é preciso negá-las como falsas. Do ponto de vista social, há rupturas também. O pentecostal entende-se como distinto do mundo profano, que é quase sempre comandado pelo mal. Em muitos grupos, os fiéis são submetidos a uma disciplina bastante rigorosa, que os distingue socialmente nos modos de vestir, de consumir, nas práticas de lazer e até mesmo nas práticas políticas. [...].
>
> As pregações dos pastores, feitas em forte tom apelativo, têm como centro a insistência na mudança de vida [...].
>
> Ser pentecostal é sair da precariedade do tempo profano do mundo, com todos os seus malefícios, e entrar para o grupo dos que vivem hoje a salvação de Deus (Passos, 2005, p. 37-39).

No contexto pentecostal, essa distinção entre sagrado e profano manifesta-se de maneira explícita na vivência de santificação dos fiéis, na observância de códigos de conduta e na intensa participação nos cultos. “A santificação vem como uma certificação da salvação no aqui e agora” (Passos, 2005, p.48). O batismo no Espírito Santo, por exemplo, é considerado um rito de passagem sagrado que consagra o indivíduo ao serviço divino (Horton, 2019). Esses ele-

mentos litúrgicos não apenas delimitam o espaço do sagrado, mas também reforçam a identidade e a coesão do grupo religioso.

Durkheim ainda introduz o conceito de efervescência coletiva, fenômeno no qual a participação em rituais comunitários intensifica o sentimento de pertencimento e a vivência do sagrado (Durkheim, 2008). No pentecostalismo, essa efervescência é visível nos cultos, especialmente por meio da oração intercessora, da imposição de mãos e do falar em línguas — práticas que promovem a unidade entre os membros da congregação (Gilberto, 2008).

Nessa mesma direção, Alencar (2000) destaca que o pentecostalismo brasileiro desenvolveu uma estrutura eclesiástica própria, em que a autoridade pastoral está intimamente ligada às experiências espirituais dos líderes. Essa configuração institucional reforça o caráter coletivo da vivência religiosa e reflete a noção durkheimiana de que a religião é um fenômeno social antes de ser individual.

Eurico Bergstén (1981) ressalta que a teologia pentecostal valoriza a relação direta entre o crente e Deus, mediada pela atuação do Espírito Santo. Essa experiência pessoal e mística fortalece os laços comunitários e o senso de pertencimento, funcionando de maneira análoga às cerimônias totêmicas analisadas por Durkheim, nas quais os participantes reafirmam sua identidade coletiva ao compartilharem vivências espirituais intensas.

Dessa forma, a aplicação da teoria em análise ao estudo do pentecostalismo revela que esse movimento não apenas oferece um sistema de crenças e práticas religiosas, mas também desempenha uma função social essencial ao promover coesão, solidariedade e identidade coletiva. Seus rituais e símbolos são mecanismos eficazes de integração social, o que garante sua vitalidade e continuidade ao longo do tempo. A abordagem sociológica de Durkheim, portanto,

constitui uma ferramenta valiosa para compreender o impacto do pentecostalismo na sociedade contemporânea.

3 OS MOVIMENTOS PRECURSORES DO PENTECOSTALISMO DA RUA AZUSA

A irrupção do pentecostalismo, em especial através do avivamento da Rua Azusa em 1906, não ocorreu de maneira isolada, mas foi precedida por uma série de movimentos de santidade[3] e avivamento que prepararam o terreno para sua emergência. Neste contexto, a análise das influências dos grupos precursores do pentecostalismo se torna essencial para compreender sua constituição como um fenômeno religioso de grande impacto e que rompeu com essas barreiras raciais existentes nos Estados Unidos.

A emergência do pentecostalismo está diretamente ligada ao movimento de santidade, que se desenvolveu nos Estados Unidos no século XIX, especialmente entre as denominações metodistas. Alencar (2000) destaca que o pentecostalismo herdou do metodismo wesleyano a ênfase na experiência pessoal com o Espírito Santo e a santificação progressiva (Alencar, 2000). Baptista (2017) ressalta que os grupos pentecostais no Brasil, entre eles a Assembleia de Deus, foram fortemente influenciados pelo movimento de santidade e pelos reavivamentos do século XIX.

Outro grupo fundamental para a formação do pentecostalismo foi o Movimento de Keswick, os Holiness, que enfatizava a consagração total a Deus e a esperança na intervenção direta do Espírito Santo. Pereira (2021) observa que a crença em uma segunda bênção, distinta da justificação inicial, foi incorporada pelos pente-

3. No movimento pentecostal, a santidade é entendida como um processo espiritual dinâmico que une a busca por pureza moral com o envolvimento ativo em práticas que promovem transformação social. Essa concepção ultrapassa a simples observância de normas comportamentais, sendo marcada por uma vivência cotidiana orientada pela fé, resistência diante das adversidades e compromisso com a dignidade humana. Trata-se de uma espiritualidade que integra dimensões pessoais e coletivas, expressando-se tanto na relação com Deus quanto na responsabilidade com o próximo e a comunidade.

costais, que passaram a identificar essa experiência com o batismo no Espírito Santo.

O movimento liderado pelo negro William Seymour em Los Angeles consolidou várias influências herdadas dos movimentos anteriores. Segundo Horton (2019), a Rua Azusa representou um fenômeno de fervor espiritual que atraiu indivíduos de diferentes origens étnicas e sociais, caracterizando-se pela ênfase nos dons do Espírito Santo (Horton, 2019).

No âmbito sociológico, Durkheim (2008) argumenta que a religião não é apenas um sistema de crenças individuais, mas também um fenômeno coletivo que fortalece a coesão social. Nesse sentido, os cultos na rua Azusa podem ser compreendidos como rituais efervescentes, nos quais os indivíduos reafirmavam sua identidade coletiva através de experiências espirituais comuns.

A estrutura dos cultos pentecostais e a ênfase nos elementos emocionais e rituais se alinham às concepções de Durkheim sobre a religião. Ele defende que os rituais são essenciais para diferenciar o sagrado do profano e para fortalecer os laços comunitários (Durkheim, 2008).

O pentecostalismo, ao incorporar experiências como o batismo no Espírito Santo, cria espaços rituais onde a efervescência religiosa se manifesta de forma intensa. Gilberto (2008) e os autores Duffield e Cleava (2000) ressaltam que o caráter coletivo das manifestações espirituais pentecostais permite a construção de uma identidade grupal coesa.

Os grupos precursores do pentecostalismo contribuíram significativamente para a formação do movimento discutido, fornecendo elementos doutrinários, rituais e práticas que seriam posteriormente consolidados no pentecostalismo moderno. Sob a perspectiva de Durkheim, a religião se constitui como um elemento central na organização social, e o pentecostalismo não foge à regra: suas práticas

rituais e sua ênfase na experiência coletiva reforçam a identidade do grupo e asseguram a sua continuidade histórica.

4 O PENTECOSTALISMO COMO FENÔMENO SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Desde o avivamento da Califórnia, no início do século XX, até sua expansão global, esse movimento se caracteriza não apenas por sua ênfase espiritual, mas também por seu impacto na estruturação e reorganização do tecido social, por meio de transformações na sociedade que influenciam a coesão social, na mobilidade econômica e na participação política.

Durkheim (2008) argumenta que a religião desempenha um papel central na criação e manutenção da coesão social ao estabelecer um conjunto de crenças e práticas comuns. No caso do pentecostalismo, os cultos vibrantes, os testemunhos e a vida comunitária desempenham esse papel, promovendo um senso de pertencimento e solidariedade entre os adeptos.

Além disso, a participação ativa dos fiéis em grupos de oração, discipulados e ministérios sociais reforça a integração dentro da comunidade, funcionando como um mecanismo de apoio social e emocional, especialmente para populações marginalizadas (Durkheim, 2008). Essa dinâmica pode ser compreendida à luz do conceito de **solidariedade orgânica,** em que a coesão social decorre da interdependência entre os indivíduos que exercem funções distintas, mas complementares dentro do corpo social (Durkheim, 2008).

No contexto pentecostal, cada membro contribui com dons e serviços específicos, fortalecendo a estrutura comunitária e promovendo uma forma moderna de integração baseada na diversidade funcional. A presença populacional dos pentecostais têm repercussões diretas no cenário político e cultural. O envolvimento crescente de líderes religiosos na política reflete a consolidação do movi-

mento como um ator social relevante. Observa-se que os pentecostais começaram a ter uma influência política significativa, afetando discussões relacionadas à moralidade e às políticas públicas (Alencar, 2010).

Culturalmente, o pentecostalismo moldou práticas musicais, literárias e midiáticas. A música gospel, por exemplo, tornou-se um fenômeno global, ultrapassando barreiras religiosas e alcançando públicos diversos. O impacto midiático também é notável, com a presença de redes de comunicação voltadas para a propagação da fé e dos valores pentecostais.

Nos últimos anos, o pentecostalismo também se destacou como uma força política significativa. Líderes religiosos passaram a ocupar cargos públicos e a influenciar políticas sociais, culturais e econômicas. Essa participação política reflete uma tendência crescente de envolvimento do movimento pentecostal na definição de valores e normas sociais que impactam diretamente a sociedade em geral (Alencar, 2000). Tal influência evidencia a capacidade do pentecostalismo de moldar debates públicos sobre temas como: ética, direitos civis e políticas públicas.

Nesse cenário, observa-se a crescente influência de líderes pentecostais na definição de pautas cristãs conservadoras no Brasil, particularmente em temas como o aborto, a ideologia de gênero, a liberdade religiosa e a defesa da família tradicional. Conforme destaca Oliveira (2019), esse envolvimento político não ocorre de forma isolada, mas está articulado a uma estratégia mais ampla de inserção na esfera pública por meio de mandatos legislativos, presença midiática e mobilização de fiéis.

Haja vista que tais lideranças utilizam recursos simbólicos e institucionais para moldar debates e orientar decisões políticas de acordo com princípios religiosos. Picolotto (2016) complementa essa análise ao enfatizar que o pentecos-

talismo, com sua diversidade interna e capacidade de adaptação, tem reformulado suas formas de atuação, passando a integrar ativamente os espaços de poder e influenciar a construção de normas sociais e políticas públicas. Com isso, o movimento pentecostal reafirma seu protagonismo no cenário contemporâneo, evidenciando a transformação de elementos religiosos em instrumentos eficazes de atuação sociopolítica em uma sociedade plural.

O pentecostalismo, ao longo de sua trajetória, demonstrou ser mais do que uma expressão religiosa; trata-se de um fenômeno social de grande relevância. Sua influência na coesão social, sua contribuição para a mobilidade econômica e seu impacto na esfera política evidenciam a importância desse movimento na transformação da sociedade contemporânea. Dessa forma, compreender o pentecostalismo demanda uma abordagem interdisciplinar, que considere sua complexidade e seu potencial de reconfiguração das estruturas sociais.

O avivamento da Rua Azusa, liderado por William J. Seymour, foi um marco na história do pentecostalismo, não apenas pelo seu impacto espiritual, mas também por seu caráter de revolução social, especialmente na luta contra o racismo. Em um período de forte segregação racial nos Estados Unidos, o movimento pentecostal emergiu como um espaço de inclusão, onde pessoas de diferentes origens étnicas se reuniam para cultuar juntas. Essa experiência desafiava as normas racistas da época e demonstrava um modelo alternativo de convivência pautado na fraternidade cristã (Lima, 2016).

O impacto desse movimento ultrapassou as fronteiras californianas, influenciando outras comunidades pentecostais a promover a igualdade racial e resistir a práticas discriminatórias dentro e fora das igrejas (Alencar, 2000). Embora o pentecostalismo tenha enfrentado desafios ao longo do tempo, a raiz inclusiva do avivamento continua sendo uma referência para o combate ao racismo dentro do movimento.

Outro aspecto fundamental do impacto pentecostal na sociedade é sua relação com a ascensão econômica de seus membros. Sob a ótica weberiana, é possível compreender esse fenômeno a partir da valorização de princípios como disciplina, trabalho árduo e responsabilidade pessoal, que Max Weber associou à ética protestante e ao espírito do capitalismo (Weber, 2013). Esses valores, amplamente promovidos no contexto pentecostal, contribuem para a mobilidade econômica de seus adeptos. Além disso, a atuação das igrejas pentecostais em projetos sociais — como programas de reabilitação para dependentes químicos, assistência a famílias em situação de vulnerabilidade e iniciativas educacionais — reforça sua influência direta na melhoria das condições de vida em diversas comunidades.

De acordo com dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2023), observou-se um expressivo aumento no número de estabelecimentos religiosos no Brasil ao longo das últimas duas décadas. Em 2021, dos 124.529 estabelecimentos identificados, mais da metade (52%) eram vinculados a denominações evangélicas pentecostais ou neopentecostais, seguidos por 19% de evangélicos tradicionais e 11% de católicos. Entre os pentecostais, a Assembleia de Deus se destacou como a denominação com maior presença, representando 14% do total. Cerca de 8% das instituições não puderam ser classificadas com precisão, uma vez que incluem, majoritariamente, associações com fins comunitários, beneficentes ou educacionais.

Esse expressivo número de templos ligados ao movimento pentecostal e neopentecostal não apenas evidencia sua ampla presença territorial, mas também reforça a percepção de crescimento contínuo dessas denominações nas últimas décadas. A expansão do número de estabelecimentos religiosos pode ser interpretada como reflexo direto do aumento do número de fiéis, indicando uma maior capilaridade e inserção social dessas igrejas, especialmente em áreas urbanas

periféricas. Tal dinâmica acompanha uma tendência já observada por estudos anteriores, que apontam o pentecostalismo como o segmento religioso que mais cresce no Brasil, superando significativamente outras tradições cristãs em termos de presença institucional e engajamento comunitário (IPEA, 2023).

O crescimento dos pentecostais é um dos fenômenos mais marcantes da história religiosa recente. A ênfase na experiência pessoal com o sagrado, a acessibilidade da mensagem e a forte presença comunitária foram fatores determinantes para esse crescimento em diversas regiões do globo, especialmente na América Latina, África e partes da Ásia, igrejas pentecostais têm se multiplicado de forma acelerada. Essa expansão internacional tem sido impulsionada por características como a ênfase na experiência espiritual direta, a adaptação às realidades locais e a capacidade de diálogo com as necessidades emocionais e materiais das populações. Assim, o pentecostalismo tem se consolidado como um dos movimentos religiosos mais dinâmicos e influentes da contemporaneidade.

Nesse sentido, de acordo com Durkheim, a religião exerce uma função fundamental na manutenção da coesão social, pois reforça normas e valores por meio de rituais. (Durkheim, 2008). A influência populacional dos pentecostais também se reflete na organização social. Com um modelo de liderança descentralizada e participativa, as igrejas pentecostais criaram redes de apoio comunitário, oferecendo serviços sociais, programas de capacitação profissional e assistência a populações vulneráveis. Além disso, a valorização da família e da ética do trabalho contribuiu para mudanças significativas nos padrões culturais das sociedades onde o pentecostalismo se consolidou (Lima, 2016).

O crescimento populacional dos pentecostais e sua influência na sociedade evidenciam a relevância desse movimento religioso na contemporaneidade. Desde a Rua Azusa até os dias atuais, o pentecostalismo tem sido um fator determinante na reconfiguração social, cultural e política de diversas nações. Sua presença

expressiva nas camadas populares e sua capacidade de adaptação às demandas sociais indicam que seu impacto continuará a se expandir nos próximos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais e religiosos relacionados ao pentecostalismo por meio da análise de obras acadêmicas sobre a teoria da religião, as transformações sociais impulsionadas pelo movimento pentecostal e os antecedentes históricos que contribuíram para sua consolidação. Ao considerar as interações entre rituais, coesão social e identidade coletiva, foi possível estabelecer conexões entre a organização interna do pentecostalismo e suas repercussões nas esferas política, cultural e econômica.

Os resultados da análise indicam que o pentecostalismo se consolidou como um agente de transformação social ao longo do último século. Sua influência ultrapassa o âmbito religioso, promovendo a coesão social por meio da criação de redes de apoio e oferecendo suporte material e espiritual a seus adeptos. Esse fenômeno contribui significativamente para a mobilidade social de grupos marginalizados, demonstrando o impacto do movimento na inclusão social e na ascensão econômica. As práticas rituais e a ênfase na experiência espiritual favorecem a formação de uma identidade coletiva robusta, que reforça os laços comunitários e facilita a inserção de seus membros na sociedade.

A construção dessa identidade coletiva é visível na forma como os cultos pentecostais estimulam a participação ativa dos fiéis, promovendo um senso de pertencimento que transcende a dimensão espiritual e se projeta na vida cotidiana. O envolvimento dos membros em atividades comunitárias, projetos sociais e redes de solidariedade fortalece os vínculos interpessoais e fomenta um sentimento de unidade que contribui para a resiliência diante de desafios socioeconômicos.

Assim, o pentecostalismo não se limita a uma experiência religiosa individualizada, mas configura-se como um fenômeno que impacta diretamente as estruturas sociais em que está inserido.

No aspecto econômico, demonstram que o pentecostalismo tem impulsionado um modelo de ascensão social baseado na autodisciplina, no esforço pessoal e na busca por bênçãos materiais por meio da fé. Esses princípios funcionam como um incentivo à inserção no mercado de trabalho, ao empreendedorismo e à superação de barreiras estruturais, especialmente em comunidades marcadas pela precariedade econômica. Ao adotar uma visão pragmática da fé, muitas igrejas pentecostais promovem cursos profissionalizantes, programas de assistência e redes de apoio financeiro que beneficiam diretamente seus membros, contribuindo para sua melhoria de vida. Esse fenômeno é particularmente expressivo em países em desenvolvimento, onde o pentecostalismo tem se tornado um fator de mobilidade social para populações historicamente marginalizadas.

Nesse contexto, a atuação das igrejas pentecostais pode ser compreendida como uma resposta às insuficiências do Estado brasileiro em prover políticas públicas eficazes de assistência social. Em um país marcado por desigualdades profundas e por um sistema assistencialista muitas vezes burocrático e limitado, essas comunidades religiosas surgem como espaços de suporte imediato e prático. Elas não apenas oferecem amparo espiritual, mas também suporte material e social, preenchendo uma lacuna crucial para parcelas vulneráveis da população. Essa presença ativa fortalece a coesão social e cria redes de solidariedade que funcionam como mecanismos de proteção social, sobretudo em áreas periféricas e rurais, onde o acesso a serviços públicos é restrito ou inexistente. Assim, o pentecostalismo não apenas promove a mobilidade individual, mas também exerce um papel coletivo significativo na mitigação das desigualdades sociais.

A análise política do fenômeno revela que o pentecostalismo tem desempenhado um papel crescente na formulação de políticas públicas e na defesa de valores morais específicos. O envolvimento de líderes religiosos na política ilustra uma nova configuração do poder religioso na esfera pública, onde o pentecostalismo não se limita mais à pregação e ao culto, mas se posiciona como um ator ativo na construção de narrativas sociais e políticas. Esse protagonismo se reflete na influência sobre eleições, na formulação de legislações e na mobilização de grandes parcelas da população em torno de agendas que refletem suas crenças e valores.

Culturalmente, o pentecostalismo se destaca por sua capacidade de dialogar com os meios de comunicação e as novas formas de expressão artística. A proliferação da música gospel, das mídias cristãs e de eventos religiosos de grande porte demonstra que o movimento tem se adaptado ao universo midiático contemporâneo, alcançando audiências diversas e expandindo sua influência para além dos espaços eclesiásticos. Além disso, a estética pentecostal, marcada por um estilo de vida baseado na modéstia e na disciplina, tem sido incorporada por muitos de seus adeptos como um distintivo identitário que reforça sua diferenciação em relação a outros grupos religiosos e sociais.

No entanto, a pesquisa também evidenciou desafios internos do pentecostalismo, especialmente no que se refere às tensões entre sua mensagem inclusiva e a manutenção de valores conservadores. Questões como a participação da mulher nos espaços de liderança, a aceitação da diversidade religiosa e os debates sobre liberdade sexual são pontos de tensão entre a preservação das tradições e a adaptação às demandas contemporâneas. Embora o movimento tenha sido um espaço de acolhimento para muitos grupos marginalizados, sua postura conservadora em alguns aspectos sociais gera críticas e abre espaço

para reflexões sobre o futuro do pentecostalismo em um mundo cada vez mais plural e dinâmico.

Por fim, pode-se concluir que o pentecostalismo continuará a desempenhar um papel central nas sociedades contemporâneas, especialmente devido à sua capacidade de adaptação e à sua crescente influência nas esferas política, econômica e cultural. O estudo revela que o pentecostalismo não é apenas um fenômeno religioso, mas uma força social dinâmica e complexa, cujos impactos se fazem sentir em múltiplas dimensões da vida coletiva. Assim, futuras pesquisas poderão aprofundar ainda mais essa análise, explorando como o pentecostalismo se reconfigura diante das transformações sociais e quais serão seus desdobramentos nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias brasileiras de Deus:** teorização, história e tipologia – *1911 -2011*. 2012. 285 p. Tese (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembléia de Deus:** origem, implantação e militância (1911-1946). 2000. 159 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo/SP.

BAPTISTA, Douglas Roberto de Almeida. **História das Assembleias de Deus**: o grande movimento pentecostal do Brasil. Curitiba: InterSaberes, 2017.

DUFFILELD, Guy P.; CLEAVA, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Editora Quadrangular, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2008.

EPOS. **História do pentecostalismo**. Joinville: Faculdade Teológica Refidim, 2008

GILBERTO, Antonio. **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). ***Crescimento dos estabelecimentos religiosos no país é liderado por igrejas pentecostais e neopentecostais***. 2023. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14594-crescimento-dos-estabelecimentos-religiosos-no-pais-e-liderado-por-igrejas-pentecostais-e-neopentecostais. Acesso em: 25 maio. 2025.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. **Pentecostalismo e política no Brasil**. Revista Interações, v. 14, nº 25, p. 08-12 jun. 2019. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/20468/15783. Acesso em: 24 maio. 2025.

OLIVEIRA, José. **Breve história do movimento pentecostal:** dos Atos dos Apóstolos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

PASSOS, João Décio. **Pentecostalismo: origem e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O pentecostalismo no Brasil**: uma reflexão sobre novas classificações. Revista Contraponto, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 1, p. 86-115, jun. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741/37775. Acesso em: 24 maio. 2025.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.